

 BANDEIRA

C L Á S S I C O S V I N T A G E



F I C Ç Ã O C I E N T Í F I C A

Alúcio Azevedo
(1857 – 1913)

Amado Nervo
(1870 – 1919)

Joaquim Manoel de Macedo
(1820 – 1882)

Leopoldo Lugones
(1874 – 1938)

Roberto Arlt
(1900 – 1942)

*Ficção científica
latino-americana,
a origem*



APOCA LIPSE

Organizadores

Camilla Cattarulla

Giorgio de Marchis



SUMÁRIO

TRADUTORES

FRANCESCA CRICELLI

“Ficção científica e Apocalipse: Argentina, Brasil e México”
e “Utopias, distopias e catástrofes”

SÉRGIO KARAM

“Chuva de Fogo” e “A Última Guerra”

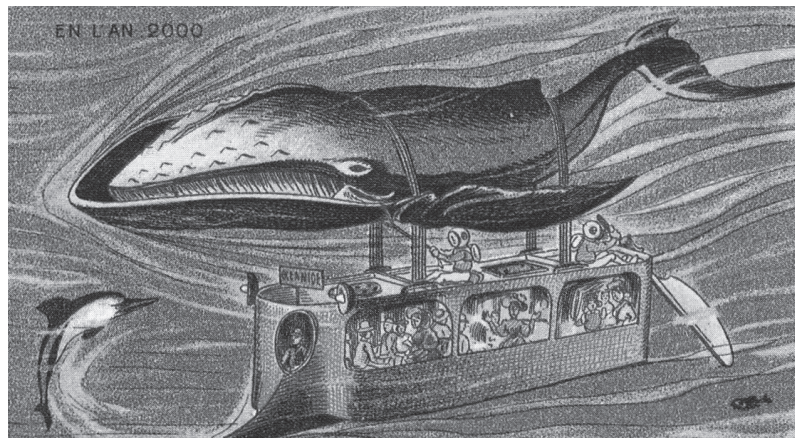
FÁBIO BORTOLAZZO PINTO

“A Lua Vermelha”

- 9 Ficção Científica e Apocalipse
Camilla Cattarulla e Giorgio de Marchis
- 14 O Fim do Mundo (1857) *Joaquim Manuel de Macedo*
- 36 Demônios (1898) *Aluísio Azevedo*
- 90 A Chuva de Fogo (1906) *Leopoldo Lugones*
- 106 A Última Guerra (1906) *Amado Nervo*
- 120 A Lua Vermelha (1932) *Roberto Arlt*
- 133 Utopias, Distopias e Catástrofes
Camilla Cattarulla e Giorgio de Marchis



Bombeiros (1910) e Ônibus-baleia (1899), da série "No ano 2000", cartões-postais por Jean-Marc Côté, ilustrador francês, retratam os avanços científicos que se supunham alcançados no ano 2000.



FICÇÃO CIENTÍFICA E APOCALIPSE

Argentina, Brasil e México

por Camilla Cattarulla e Giorgio de Marchis

Vamos supor, por um momento, que o mundo infelizmente chegará ao fim, e imaginar, por exemplo, que devido à passagem muito próxima de um cometa, ou ao desaparecimento repentino e inexplicável do Sol, ou até mesmo a uma guerra nuclear global, a humanidade se extinguirá, deixando-nos como as únicas testemunhas conternadas do apocalipse.

Sem dúvida, hoje, nossa imaginação está saturada de catástrofes planetárias, e não teremos dificuldade em lembrar algum filme, romance, série ou *videogame* que nos forneça um pano de fundo adequado para reproduzir,

em qualquer latitude, o mesmo fim de nosso planeta e de nossa espécie, condenados a desaparecer da mesma forma que viveram nas últimas décadas: sem aura.

Ao contrário, no período entre meados do século XIX e as três primeiras décadas do século XX, o ponto de vista a partir do qual se imaginava que a catástrofe não poderia deixar de condicionar a gramática do fim do mundo ao único espectador sobrevivente a contar sobre ela. Em suma, o desastre — fosse ele narrado de Paris ou do Rio de Janeiro — não era o mesmo, porque o fim do mundo, antes de ser reduzido a um clichê narrati-

vo usado em excesso, ainda era um reflexo de tensões sociais específicas e em contextos que haviam emergido recentemente de séculos de dominação colonial. Portanto, como as histórias desta antologia também mostram, a escrita da catástrofe poderia lembrar o cansativo processo de modernização em andamento, bem como a difícil definição de uma identidade nacional.

Em seu prefácio ao estudo de Roberto de Sousa Causo, *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil*, João Adolfo Hansen, não por acaso, questiona a possibilidade de uma literatura de ficção científica “em lugares como o Brasil, a Bolívia ou Angola, até recentemente colônias de metrópoles carolas, inimigas do empirismo e do chamado método experimental”¹.

Em vez disso, a ficção científica na América Latina tem suas origens na época colonial. Foi principalmente o México

que expressou, no século XVIII, ainda que de forma embrionária, os princípios que estão na base do gênero. Ou seja, nas palavras de José Ignacio Ferreras, uma forma literária que representa “uma visão fragmentada do mundo [...] de nossa crise social, de nossa crise religiosa, de nossa crise econômica. Não se trata de uma moda romântica, mas, sim, uma corrente de pensamento”² que usa e julga a ciência e, em virtude disso, pode dar origem a narrativas em que o elemento utópico ou distópico prevalece.

Embora nenhum dos aspectos seja claramente identificável, não há dúvida de que o conto “Sigi-zias y Cuadraturas Lunares” (ou “Un Viaje Literario a la Luna”) (1773), do frade Manuel Antonio de Rivas, contém as origens da ficção científica latino-americana em geral, e da ficção científica mexicana em particular, que é literalmente influenciada pelas viagens fantásticas de Jonathan

Swift e Cyrano de Bergerac, ao mesmo tempo em que é ancorada na realidade da época. De fato, o conto, no qual o protagonista viaja à Lua para discutir com seus habitantes as possibilidades de vida no universo, expressa bem o contexto mexicano, no qual os ditames de Newton e Linneu, além das ideias de Voltaire e Diderot, questionavam os princípios científicos e as políticas coloniais, respectivamente, que logo seriam dominadas pelos movimentos de independência que acabariam com os impérios americanos da Espanha e de Portugal.

As viagens estelares também são o tema da *Viaje Maravilloso del Sr. Nic-Nac* (1875), de Eduardo Ladislao Holmberg, fundador de ficção científica argentina, também dedicado ao tema dos habitantes extraterrestres e à expressão de um ambiente cultural que, em parte, devido à presença maciça de fluxos migratórios, viu um enfraquecimento do senso de pertencimento nacional, assim como as ideias positivistas começaram a entrar em crise, dan-

do lugar a novos modos de pensamento filosófico e científico com abertura para disciplinas, como esoterismo, parapsicologia e neurologia.

O Apocalipse

No que diz respeito ao Brasil, o conto de Joaquim Manuel de Macedo apresentado nesta antologia, “O Fim do Mundo” (1857), é certamente o primeiro exemplo de literatura de ficção científica tropical em língua portuguesa. É, sem dúvida, um texto curioso e episódico, ligado a um dos muitos apocalipses que periodicamente foram anunciados ao longo dos séculos. Nesse caso, um cometa destruiria o planeta, cuja passagem mortal estava marcada para 13 de junho. Macedo publicou sua história em um jornal do Rio de Janeiro na manhã do fim do mundo. Para nossa sorte, o mundo não acabou, e ele inaugurou a ficção científica brasileira, que, no século XIX, encontraria seus melhores resultados no romance *O Doutor Benignus* (1875), dan-

1 HANSEN, João Adolfo. “Prefácio” in: CAUSO, Roberto de Sousa. *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil 1875-1950*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 17.

2 FERREIRAS, José Ignacio, *La Novela de Ciencia Ficción* – Siglo XXI. Madri: 1972, p. 18.

de Augusto Emílio Zaluar, e no conto “Demônios” (1898), de Aluísio Azevedo.

Mas voltemos ao apocalipse. Em seu significado original, ele implica a presença de um narrador, encarregado de revelar os pensamentos de Deus: ele contém, portanto, uma visão profética. Depois, porém, talvez com o advento de Cristo, seu caráter profético tenha sido substituído pela ideia de um futuro que, mais cedo ou mais tarde, invadiria o presente, substituindo-o por um novo mundo.

Além disso, a ideologia messiânica não pertence apenas ao contexto europeu: com as devidas diferenças, ela é praticada por vários grupos indígenas, tanto que, nos anos da conquista, as duas crenças acabaram se misturando. E tem mais: como lembra Lois Parkinson Zamora, é justamente a descoberta da América que autoriza o cumprimento do Apocalipse, pois, no momento

em que o mundo pode ser considerado totalmente conhecido, sua profecia pode ser realizada.

Parkinson Zamora escreve:

Graças ao Novo Mundo, não apenas a totalidade geográfica necessária para o fim do mundo foi concretizada, mas também a comunidade de todas as nações. Os nativos da América foram interpretados como as tribos perdidas descritas em Apocalipse (7:4-9) que, de acordo com a profecia, reapareceriam antes do Juízo Final. Junto a essa profecia havia outra, que unia toda a literatura apocalíptica da época, a saber, que os judeus se converteriam quando o fim do mundo se aproximasse. Se os nativos fossem as tribos perdidas de Israel e se eles se convertessem, ambas as profecias seriam cumpridas e o reino de Deus poderia começar.³

Na realidade, o único apocalipse que ocorreu em solo americano foi o desaparecimento de milhões de indivíduos dos

povos originários, que morreram na luta contra os europeus ou como resultado do processo de colonização. Uma verdadeira catástrofe humana que, em termos de suas dimensões, assumiu as características apocalípticas às quais a cultura latino-americana ainda hoje se refere diante de situações semelhantes (como no caso dos desaparecidos nas ditaduras do século XX).

Em suma, do apocalipse à catástrofe é um passo curto.

Como observa Augusto Placanica, a catástrofe se tornou o evento para o qual o apocalipse fornece o modelo, embora este último mantenha o paradigma da morte-ressurreição que falta ao primeiro. Ainda seguindo o raciocínio de Placanica, a metáfora do apocalipse como sinônimo de catástrofe coletiva constitui uma evolução do *Apocalipse* de João, que deixou de ser um “documento religioso para se tornar um paradigma ideológico”⁴.

Se é verdade, então, que a ficção científica sempre dialoga com seu próprio tempo e quando imagina mundos perdidos ou futuros remotos e tecnologicamente avançados está, na verdade, falando a respeito do presente, é igualmente verdade que os roteiros de catástrofes, assim como as fantasias utópicas, registram ainda mais claramente as tensões sociais, econômicas, políticas e culturais de seu tempo. De fato, o mundo só pode acabar, ou se aperfeiçoar, por meio da catástrofe a partir do momento em que o autor apocalíptico identifica os obstáculos à realização de uma sociedade mais justa, mais equitativa ou simplesmente melhor.

E é por essa razão que a escolha dos apocalipses latino-americanos reunidos nesta antologia se concentrou nas décadas de 1850 a 1930, fundamentais para a definição da nova modernidade das nações latino-americanas.

Então, vamos aos contos.

3 ZAMORA, Lois Parkinson. *Narrar el Apocalipsis: La visión histórica en la literatura estadounidense y latinoamericana contemporánea*. México: Fondo de Cultura Económica. 1994, p. 19.

4 Cf. PLACANICA, Augusto. *Storia dell'Inquietudine: Metafore del destino dall'Odissea alla Guerra del Golfo*. Roma: Donzelli. 1993, p. 84-98.

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO (1820-1882)

Escritor brasileiro nascido em Itaboraí e autor de uma extensa obra entre romances, peças de teatro e crônicas de costumes. Alcançou extraordinário sucesso com seu romance de estreia, *A Moreninha* (1844), considerado o primeiro romance urbano na literatura romântica brasileira. Sua atividade literária se estende por três décadas e, embora hoje os críticos tendam a considerá-lo um escritor pouco relevante, não há dúvida de que Macedo foi um autor apreciado pelos leitores brasileiros da época, a quem oferecia uma leitura agradável, com personagens envolvidos em aventuras e sentimentalismos. “O Fim do Mundo”, que apareceu pela primeira vez como apêndice no *Jornal do Comércio* (1857), foi posteriormente publicado no volume *Os Romances da Semana* (1861).



O FIM DO MUNDO⁵

Joaquim Manoel de Macedo

I

Estava reservada ao Martinho a triste obrigação de escrever a lúgubre história do cataclismo por qual passou a cidade do Rio de Janeiro, e por que muito provavelmente há de ter passado o mundo inteiro no fatal dia 13 de junho.

Eu sou o novo Noé que sobreviveu ao novo dilúvio! E sou ao mesmo tempo o Moisés do Século das Luzes que deve referir o infausto caso do fim do mundo no ano de 1857.

Não fui daqueles estouvados incrédulos que zombaram da profecia do cônego de Liège; tive sempre a maior veneração pelos cônegos, e não havia de ser em uma questão de cometa que o Martinho duvidasse da palavra de um cônego.

Também não me contei no número dos terroristas e dos aterrados, que, esperando pelo fim do mundo no dia 13 de

⁵ MACEDO, Joaquim Manoel de, “O Fim do Mundo”. *Jornal do Comércio*: Rio de Janeiro, ano XXXII, n. 161, p. 1-2, 13 jun. 1857.

junho, não pensaram em escapar ao dilúvio, e resolveram-se a morrer imóveis e caladinhos como carneiros.

A ideia de acabar como capão, peru ou leitoa em dia de banquete me revoltava deveras. “Quê!”, disse eu a mim mesmo, conversando com os meus botões, “Quê! O Martinho, que tinha direito a considerar-se imortalizado pela fama, há de assim sem mais nem menos perder a sua imortalidade, reduzido a torresmo pelo fogo da cauda de um cometa?”

Dizem que a diligência é mãe da boa ventura: a indústria humana pode vencer quase o impossível, então pus-me a refletir, a imaginar, a combinar; gastei nisso mais tempo do que qualquer dos meus colegas em estudar a sua parte num drama novo e, por fim de contas, dei um pulo, bati palmas, exclamei como Arquimedes: *Eureka!*

Eureka era o meio que eu tinha descoberto para livrar-me das rabanadas do cometa e sobreviver ao cataclismo.

II

O meu primeiro pensamento foi organizar uma companhia que tivesse por fim fazer construir uma estrada de ferro para o mundo da lua; mas abandonei esse projeto porque com a notícia da nova empresa poderia o Banco do Brasil lembrar-se de elevar ainda mais a taxa de juros, e tínhamos o diabo na praça ainda antes de aparecer o cometa.

Meditei depois sobre a construção de uma segunda Torre de Babel, pela qual pudesse eu subir aos planetas e esconder-

-me no seio de Vênus, ou pelo menos em uma das asas do caduceu de Mercúrio: não me faltavam materiais para a obra; porque a Torre de Babel é torre de confusão, e eu podia consequentemente arranjar muito bons arquitetos no corpo legislativo; mas tive também de rejeitar essa ideia, considerando que, publicada ela, encontraria eu logo algum outro pretendente e competidor, e dava-se então um caso de duplicata, em que não é de regra que o bom direito seja atendido.

Tornei a pensar, a refletir, a combinar, e dei enfim o meu salto de alegria, e mesmo de casaca e de gravata ao pescoço (porque isto sucedeu exatamente a horas de ensaio no Teatro de São Pedro de Alcântara) e, portanto, sem estar em menores, ou nuzinho em pelo, como Arquimedes, soltei o meu brado entusiástico: *Eureka!*

Guardei muito em segredo o meu projeto e esperei ansioso pelo dia 13 de junho, e para que não me faltassem recursos pecuniários para a minha longa viagem, fiz o meu benefício no Teatro de São Pedro na noite de 9 de junho, isto é, quatro dias antes do cometa.

E fiquei esperando.

III

A noite de 12 de junho foi clara e formosa, como o rosto das amadas de todos os poetas passados, presentes e futuros.

Em redor das fogueiras de Santo Antônio, os rapazes namoravam, os velhos falavam de conciliação, as moças tira-